

O JOGO DA POLÍTICA: UMA RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE ESPORTE E POLÍTICA

Data de aceite: 02/05/2024

Emiliano Peggion de Carvalho

Doutorando, bolsista CAPES e Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela UNESP/ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Faculdade de Filosofia e Ciências/Campus de Marília. Bacharel em Direito pela Universidade de Rio Verde e advogado

RESUMO: O presente trabalho teve como pretensão elaborar uma análise acerca da relação entre futebol e política. Se objetivou compreender de que forma o esporte foi utilizado pela política para a influência sobre a sociedade de uma forma geral. Trataremos da história da relação entre política e esporte, bem como a efetivação dessa relação na contemporaneidade. Tivemos como norte metodológico o materialismo histórico-dialético, se apoiando em bibliografias conceituadas da área crítica da sociologia do esporte como WISNIK (2013) e FRANCO JÚNIOR (2007). De forma geral, pudemos compreender a relação entre esporte e política por meio da análise das relações sociais e políticas ao

analisar as relações entre esporte e política.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Política; Sociedade.

THE GAME OF POLITICS: A HISTORICAL RELATIONSHIP BETWEEN SPORT AND POLITICS

ABSTRACT: The present work aimed to elaborate an analysis about the relationship between football and politics. The objective was to understand how sport was used by politics to influence society in general. We will deal with the history of the relationship between politics and sport, as well as the effectiveness of this relationship in contemporary times. We used historical-dialectical materialism as a methodological guide, based on renowned bibliographies in the critical area of sociology of sport such as WISNIK (2013) and FRANCO JÚNIOR (2007). In general, we were able to understand the relationship between sport and politics through the analysis of social and political relations when analyzing the relations between sport and politics.

KEYWORDS: Sport; Politics; Society.

INTRODUÇÃO

O esporte de forma geral esteve presente em diversos momentos da história da humanidade, assim como expõe Sigoli e De Rose Jr (2004) como um símbolo social importante para a manutenção do sistema de uma forma geral e aqui, mais especificamente no Brasil temos o futebol como mais central, por isso da importância de uma análise a contextualizá-lo no interior do ambiente do cotidiano de uma nação.

Não existe um ato que não seja político, já que podemos dizer que somos seres políticos e nossas relações tem por base essa, e não é diferente quando relacionamos com o esporte, e se faz necessário vislumbrar essa relação e de que forma tudo isso pode afetar de forma direta e indireta o cotidiano dos indivíduos, ou seja, de que forma uma tomada de posição, e como o esporte pode influenciar posicionamentos políticos em um contexto que se encontra tão polarizado.

O trabalho teve como norte metodológico o materialismo histórico-dialético, se apoiando em bibliografias conceituadas da área crítica da sociologia do esporte como WISNIK (2013); FRANCO JÚNIOR (2007); MEJÍA (2018); SIGOLI (2008); GASTALDO (2006); DE TOLEDO (2000); DAMATTA (1994) e ARAÚJO (2019). Elaboramos por meio de uma pesquisa qualitativa a busca bibliográfica e sua devida revisão, sendo este texto advindo do trabalho de dissertação intitulado Política e Esporte: a construção da ultradireita no interior do Palmeiras e a dialética da resistência.

Em diversos esportes e grupos de esportistas de alto rendimento, assim como no futebol. Para Mejía (2018), “El deporte fue incorporado de manera clara, intencional y consciente como elemento importante de la victoriosa campaña electoral presidencial de Bolsonaro en 2018”, se articulando com diversos esportistas e estando presente em diversos eventos, de diversas modalidades e times.

É essencial que compreendamos o lugar de posição do esporte e aqui do futebol, para DaMatta (1994) ele “promove um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo”, o que promove no indivíduo uma possibilidade de afastamento da realidade do mundo do trabalho e das obrigações cotidianas, possibilitando um outro contato com a realidade.

Além disso o esporte é considerado uma das atividades mundiais mais rentáveis, para Sigoli e De Rose Jr (2004, p. 43), “o volume de capital envolvido nas transações de patrocínio de eventos, de equipes e de venda de direitos de transmissão, gera interesses que ultrapassam as necessidades da prática esportiva”, havendo uma “valorização excessiva do espetáculo” o que o torna uma chave na influência social da população, estando presente em grande parte da imprensa por meio de sua transmissão ou publicidade, englobando quase que todas as áreas comerciais que fazem parte de nosso cotidiano.

No Brasil, o futebol faz parte de um mercado que movimenta grandes valores, estando presente na vida de praticamente toda a população, de forma direta ou indireta

afetando mesmo aqueles que dizem não gostar do esporte fazendo com que possamos afirmar que existe uma espetacularização comercial do esporte, adentrando todos os lares e influenciando todas as áreas, inclusive a política, segundo Mejía (2018), “El deporte es una empresa cuyo objetivo fundamental es producir un espectáculo, cotidiano, masivo, mundial y crecientemente rentable”, confirmando que o esporte é utilizado em especial para a produção de um espetáculo, porém devemos entender que por detrás deste existem objetivos que atingem diretamente o cidadão médio e o transforma, criando direcionamentos sociais.

A HISTÓRIA DA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA E ESPORTE NO BRASIL

Apesar do brasileiro se esquecer, o futebol não nasce com eles, mas sim na Inglaterra e posteriormente introduzido com os imigrantes que aqui se encontravam. A miscigenação cultural que o Brasil vivenciou contribui para a construção de diversos fatores, e um desse foi o esporte. Por volta do Século XIX, conforme expões Franco Júnior (2007), Charles Miller traz consigo a bagagem necessária para a implementação do esporte diretamente de sua estadia no país criador do esporte.

Diferentemente do país europeu, o Brasil se encontrava em um outro momento histórico. Do outro lado do Atlântico, o esporte era produtor de uma cultura operária, sendo disponibilizado nas escolas para a prática, enquanto no Brasil, ainda com um pensamento racial muito forte, este esporte fora elitizado, sendo direcionado a uma elite branca, já que a classe intelectual estava nesse momento encharcada pelo evolucionismo biológico.

É um momento histórico que é permeado por pré-conceitos, inclusive na academia, e fortemente reproduzido pela política. O que não é diferente no nascente esporte mais popular do país. Existe uma seleção por cor, classe e renda para a prática do esporte em toda a sociedade, afastando mais à periferia do esporte aqueles que não são bem vindos.

Diferentemente da Inglaterra em que o futebol se tornou um esporte popular, praticado pela classe operária e em escolas públicas, no Brasil isso demorou mais a acontecer, sendo o lazer daqueles da elite do país. Entretanto no início do século XX, segundo Guterman (2009) isso se alteraria, claro que em certa medida. Na medida em que o esporte começava a tomar tons de esporte comercial, surgem ídolos que vão se tornando visíveis e agradando o público. Ainda segundo o autor, um desse seria Arthur Friedereich, filho de um alemão com uma ex-escrava, porém diante do sobrenome e de se constituir branco, tinha livre acesso ao esporte, conforme expõe Guterman:

Fried, contudo, perdeu rapidamente a condição de negro por causa de sua ascendência europeia e em virtude de sua transformação em herói nacional. Como assinala Caio Prado Júnior, “uma gota de sangue branco faz do brasileiro um branco”, porque “a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela posição social”. Ou seja, se o negro estivesse bem posicionado socialmente, deixaria de ser negro. (GUTERMAN, 2000, p. 43)

Nessa perspectiva se inicia um processo de popularização do futebol como esporte e também como lazer. É nesse momento que segundo Ponte (2013) teremos talvez o primeiro uso político do esporte no Brasil. É nos arredores fabris em que o futebol é utilizado como uma forma de “aliviar a tensão” no interior das indústrias das classes proletárias, tendo por base a perspectiva de minimizar a exploração do capital diante da força de trabalho. Ainda segundo Ponte (2013):

“[...] com o passar dos tempos, se tornou mais que “circo”, se demonstrou um eficiente mecanismo com relação à propaganda política e menos no sentido puro de alienação circense. Tornou-se um divulgador de ideologia e valores, em certa medida, contribuiu sensivelmente para a constituição de uma ideologia nacional genuinamente brasileira.” (PONTE, 2013, p. 20)

O futebol como esporte faz parte da constituição da nação brasileira, cultural, política, social e economicamente, fez parte do surgimento dessa ideologia própria de nação, mesmo que conservadora, positivista e preconceituosa, sendo que para Machado (2000, p. 34), “entender o futebol é entender uma dimensão importante da nação brasileira”. Denota-se desse trecho a importância em que pese a cultura do futebol no país, se tornando uma das principais atividades esportivas e de lazer.

No início dos anos 1900, houve um êxodo de jogadores brasileiros para fora do país, demonstrando a necessidade de uma regulamentação do esporte, já que ainda se tinha muito presente o amadorismo. Segundo Ponte (2013, p. 56), “em 1941 Getúlio Vargas profissionaliza o jogador de futebol por meio da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho”. Existia aqui um projeto muito forte e central com relação ao esporte, afetando diretamente o futebol e dando alicerce ao que hoje conhecemos como mercado da bola. Essa atitude foi uma forma de apaziguar os ânimos em diversas áreas da sociedade, gerando uma espécie de pacifismo social, entendendo que o esporte e aqui especificamente o futebol possui uma função social muito importante para a organização social.

Para o Estado Novo pode-se perceber um grande foco em questões entendidas como representações simbólicas de um Brasil ou de uma cultura brasileira de forma mais clara, estando entre eles o esporte o que ainda segundo Ponte (2013, p. 58) “começa a forte relação entre futebol e o mundo da política” no Brasil, o que só veio a se fortalecer ao longo das próximas décadas.

Tivemos ao longo do Estado Novo diversas relações com o futebol, ainda em 1932 houve uma recepção no Palácio do Catete diante de uma vitória da Seleção Brasileira em cima do Uruguai e posteriormente em 1934 existiam relações políticas controversas e debates acerca da formação do time, resultado de uma figura de nome de Lourival Fontes que segundo Ponte (2013) era:

O "Homem do DIP¹", como ficou conhecido por ter sido responsável pela implantação do órgão, foi fundamental para a manutenção ideológica do Estado Novo. Período marcado por uma ideologia dominante que opunha-se ao liberalismo. Fontes que teve contato com a propaganda fascista italiana durante sua passagem pela Bahia, aos poucos foi assumindo uma nova condição teórica, se inclinando para uma política antiliberal de extrema direita. Após o golpe de 1937, resultante da ação continuista de Getúlio Vargas, Lourival absorve a ideologia estadonovista, dirigindo o DIP e tornando-se intimamente ligado a ditadura Varguista, sendo um dos principais ideólogos do Estado Novo como nos diz Lucia Lippi, Santos e Santana. (PONTE, 2013, p. 24)

As relações políticas com o esporte começam a se tornarem entrelaçadas, criando ramificações com os fatos sociais. Diante da importância que o esporte e mais especificamente o futebol começa a ter no cidadão médio, passa a ser importante a relação entre esporte e política, visto com bons olhos pelo governo haver essa relação e se utilizar disso como propagando, disseminação ideológica para a manutenção de uma hegemonia de poder diante da elite de poder político. Logo após em 1938 Getúlio se empenhou em demonstrar relação de seu governo com o futebol, atribuindo a sua filha o cargo de madrinha da seleção e financiando o time na conquista do 3º lugar, o que resultou em uma boa impressão para seu nome.

Dando um pequeno salto histórico, até mesmo pela postergação da copa que se realizaria em 1938 a qual o Brasil foi candidato a sediar, porém com a segunda Guerra Mundial e a devastação da Europa, acaba por ser eleito como sede em 1950, porém o fracasso na derrota em pleno Maracanã, faz com que o "tiro saia pela culatra" da propagando utilizada pela política diante do futebol.

Mesmo com a derrota e a repercussão negativa ainda, o futebol na década seguinte ganha ainda mais repercussão social, estando presente no cotidiano do cidadão médio e nas suas relações sociais, bem como na construção do imaginário da crença de unificação por meio de uma seleção de futebol que logo se tornaria a representação do heroísmo. Para Ponte (2013):

É bom frisar que práticas iniciadas por Getúlio Vargas se mantiveram nos anos 50 com Juscelino Kubitschek. Pela primeira vez um presidente brasileiro teve a chance de explorar os efeitos de um título mundial. Era comum o então presidente convidar parentes dos jogadores brasileiros para ouvir as transmissões dos jogos. "... O presidente bebeu champagne na Taça Jules Rimet e prometeu emprego público e financiamento habitacional aos craques da seleção – promessas que não saíram do papel..." (GUTERMAN, 2009). A vitória veio a coroar o "anos dourados" do governo JK." (PONTE, 2013, p. 25)

É cristalino a utilização do Estado brasileiro do esporte como forma de manifestar uma propagando a seu favor, constituindo uma relação entre o futebol e a política como um fator de vitória, força e superação, mesmo que em momento complicados.

¹ Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em dezembro de 1939 por Getúlio Vargas com decreto presidencial atuando como forma de censura e perseguição.

Na vitória da seleção na Copa do Mundo de 1962 não foi diferente a relação do Estado com o esporte. João Goulart, ainda que com grandes problemas em seu governo e uma ameaça iminente, recebeu em Brasília, ainda em construção a seleção em carro dos bombeiros que percorreu uma grande extensão até o Palácio do Planalto onde uma multidão se entrelaçava.

Após o Golpe Militar de 1964, a utilização do esporte não foi muito diferente, sendo ainda mais utilizado pela política do regime militar, sendo este aparelhado pelo Estado de forma a reproduzir para a sociedade uma suposta “coesão” social, com o intuito de se criar uma hegemonia ideológica, até mesmo por existir perseguição a quem se opunha ao regime, com torturas e execuções. A construção de uma identidade nacional é mais presente nesse momento, existindo a intenção clara de se fazer isso em torno do futebol por parte do Estado autoritário brasileiro.

É nesse momento que temos uma mescla exponencial entre política e futebol. O Brasil, já bicampeão mundial tinha como presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade criada em 1914 com o intuito de fomentar o esporte, o Sr. João Havelange, tendo íntima relação com o regime militar e atuando politicamente para assumir o comando da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Mesmo a seleção derrotada em 1966 e a implementação do AI-5 (Ato institucional nº 5) ainda sim houve uma popularização do governo de forma generalizada no interior das classes, inclusive a trabalhadora, diante de um suposto “milagre econômico” e a vitória de 1970. Claro que é importante frisar a relação que o presidente à época possuía com o esporte, Garastazu Médici interagiu com o esporte e se utilizava dele como ninguém, conforme exposto por Guterman (2009):

O atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em depoimento dado em 1999 ao historiador Ronaldo Costa Couto, atestou: Hoje a gente pode dizer que foi por conta da dívida externa, milagre econômico, brasileiro e tal, mas o dado concreto é que, naquela época, se tivesse eleições diretas, o Médici ganhava. E foi no auge da repressão política mesmo, o que a gente chama de período mais duro do regime militar. A popularidade do Médici no meio da classe trabalhadora era grande. (GUTERMAN, 2009, p. 161)

O envolvimento das classes é tão forte que mesmo estando sob uma forte opressão e violência, a percepção é a de que mesmo em eleições supostamente democráticas a vitória seria clara diante da propaganda utilizada sobre a sociedade de uma forma ampla e irrestrita.

A análise aqui não tem por intenção apresentar especificamente o futebol como sem conteúdo ou alienante à sociedade, mas demonstrar a utilização de forma aparelhada do Estado de um esporte e de uma cultura que aliena, não por culpa do próprio esporte mas sim das atitudes do governo se utilizando e aproveitando da trama social para usufruir do poder que este tinha diante do cidadão médio.

É importante pensarmos os atores presentes nesse contexto, que sejam os indivíduos de forma geral presente na sociedade brasileira, mas também aqueles mais

afetados, que sejam os torcedores. Para Toledo (1993), e se apoiando em Clifford Geertz o futebol está presente em forma de nível na sociedade estando presente em diversos contextos desde a hierarquia social, perpassando pela questão da desigualdade e interesses de classes dominantes como interesses políticos e econômicos. Ainda para o autor as torcidas possuem uma relação direta o que para Marcio Mauss leva em conta as “práticas e representações coletivas”, tendo como base as estruturas sociais que aqui pertencem. Nessa perspectiva podemos concluir que existe uma relação de classe no interior das torcidas e do futebol de modo geral, não que a classe no interior da torcida de um time específico seja homogênea, porém sem existe uma perspectiva predominante, tanto no interior das torcidas, organizadas ou não, como no interior das diretorias que são mais políticas. Para Toledo (2000), existe o espetáculo do futebol como o conhecemos hoje contribui para a constituição das torcidas organizadas da forma como as conhecemos, e posteriormente com a implementação do sócio-torcedor se apresenta ainda mais voltado o futebol para o mercado em si, ou seja, o capital se torna ainda mais presente no interior do estádio, saindo do campo e partindo para a torcida.

Para o autor, existe uma intenção de domesticação do torcedor, claro que voltado ao mercado como consumidor que são nessa visão, o que para ele está na estrutura “matéria e simbólica de uma reinstitucionalização do profissionalismo”, completando o ciclo de transformação do torcedor para “consumidor esportivo”.

O torcedor organizado em grandes conglomerados se torna um rebanho mais fácil de manipulação e organização, não estamos aqui fazendo um paralelo com relação a violência, até mesmo por não ser esse o foco do trabalho, mas sim na questão ligada ao capital e à alienação do cidadão médio que ali está presente, direcionando a questão ao político e sua articulação para apresentar algo como bom e necessário diante das tomadas de decisões da elite política presente no Brasil.

Já mais recentemente, nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2002 e 2015, o esporte foi deveras utilizado, em especial diante da realização dos megaeventos da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro – RJ.

Nesse contexto, o megaevento traduz o que o País possui, apresentando ao mundo e sendo midiático a todo momento, havendo a necessidade de apresentar ou esconder determinados fatores sociais que estão exposto e precisam ser escondidos ou outros que precisam ser mostrando, e que em certa medida fica a cargo da mídia e dos poderes Estatais elaborarem esse plano e apresentarem o que se quer efetivamente. Desse modo devemos pensar a relação que o Estado e a grande mídia possui com a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os jogos olímpicos, já que esses interferem nas políticas de uma forma geral, sendo utilizado pelo governo como uma forma de palanque eleitoral, ou seja, como propaganda já que “conseguiu” que o país realizasse tais competições, que em teoria trariam grande desenvolvimento.

Para pensar como o Estado se tem utilizado desse aparato relacionado ao esporte, segundo Sigoli (2008, p. 112) “O Estado utiliza o Esporte porque este é facilmente instrumentalizado politicamente pelo poder institucionalizado.”

Podemos notar que o esporte, e aqui mais especificamente o futebol na Copa do Mundo de 2014 e os jogos olímpicos, pode ser facilmente utilizado como uma forma instrumentalizada para que se passar uma mensagem ou se apresentar a sociedade de uma forma específica, nada mais do que uma forma de manipulação das massas, pensando aqui de forma globalizada.

O esporte é utilizado culturalmente para que se crie o sentimento de pertencimento, ainda mais como o Brasil que se diz o país do futebol, esse sentimento é criado a todo o momento, e em vários âmbitos, nessa perspectiva, para Drumond (2009, p. 399) “no imaginário de cada cidadão há um sentimento comum de pertencimento à sua comunidade – seja esse seu país, sua cidade ou seu clube –, que advém do compartilhamento de vários símbolos.

Cria-se aqui a perspectiva de uma unidade nacional voltada ao futebol e que em certa medida é imposta pela nossa grande mídia, fazendo com que as massas esqueçam as mazelas permeadas em nossa sociedade tornando os problemas de certa forma invisíveis, incluindo-se aqui a gigante desigualdade social a qual nós é apresentada a todo momento, porém que não conseguimos ou não queremos ver.

A mídia e as forças políticas estatais se utilizam dos megaeventos para a elaboração da manutenção da ordem posta, fazendo com que o que seja apresentando a sociedade perpassse por aquilo que é belo.

A copa do mundo e os jogos olímpicos trouxeram consigo diversas obras, algumas finalizadas e outras que nos deparamos em nosso dia abandonadas ao léu, causando transtornos. Fortunas foram investidas em obras que estão abandonadas, segundo dados do Tribunal de Contas da União, chegando a R\$ 25,5 bilhões com a Copa do Mundo de 2014 e R\$ 37,6 bilhões com os jogos olímpicos de 2016, mesmo algumas finalizadas que perderam sentido, dinheiro este que poderia ter sido aplicado em uma infinidade de políticas públicas com o intuito de reduzir as disparidades sociais.

A POLÍTICA E O ESPORTE

A relação entre política e esporte é visível ao longo da história da humanidade desde a Grécia antiga, porém a forma de utilização do esporte político e que teve forte influência na contemporaneidade foi entre os romanos com a política do “pão e circo”. Tinham como intuito criar uma espécie de pacificação entre os patrícios e a plebe, desenvolvendo diversos jogos e reunindo milhares de pessoas. Grande parte disso foi absorvido pelo o que hoje se instrumentaliza por meio da mídia e os diversos esportes, porém isso fica mais claro com o futebol no Brasil. A espetacularização do futebol, em especial pela grande mídia se tornou

uma ferramenta importante para o desvio da atenção e conseqüentemente a alienação do indivíduo à assuntos que deveriam ser depreendidos maiores atenções para uma melhor compreensão. Conforme podemos observar para Sigoli:

O uso do espetáculo dos Jogos Públicos como ferramenta política dos governantes romanos é análogo à instrumentalização sofrida pelo esporte na era contemporânea, quando a mídia bombardeia os espectadores com notícias esportivas, causando um desvio na atenção e consciência das pessoas para assuntos importantes da política e do cotidiano. (SIGOLI, 2004, p. 3)

Os jogos romanos, assim como o futebol no caso mais específico é utilizado como um meio de desvio de atenção para o que não se quer que seja visto de forma direta, nem compreendido em sua amplitude de totalidade, já que poderia surtir um efeito negativo na posição político-ideológica daquele governante.

Com o passar das décadas e o desenvolvimento das ciências e das tecnologias, em especial na revolução industrial houve uma racionalização do esporte. Este foi inserido no cotidiano das escolas e na vida do cidadão com regulamentação de regras e práticas no cotidiano como atividade lúdica e educacional, porém a época a educação era rígida com o intuito de preparar aqueles que ali frequentavam em futuros líderes, sendo dessa forma para contrapor o que era feito no tempo livre, que sejam segundo Sigoli (2004) “atividades de moral duvidosa, invadiam propriedades privadas, cometiam atos de vandalismo, beberagens, arruaças e com freqüência praticavam jogos populares de forma violenta e vulgar”, ou seja, a rigidez do esporte tinha como objetivo criar disciplina para esses jovens, sendo nessa fase o esporte utilizado como forma de reger a vida e disciplinar a educação dos jovens aristocratas da época. Ainda segundo Sigoli:

O esporte atingiu na Inglaterra todos os segmentos da sociedade e teve a igreja e as escolas estatais como agentes propagadores de grande importância. As igrejas, com o objetivo de atraírem fiéis, construíram ao lado de seus templos campos de futebol, onde eram disputadas partidas após as cerimônias nos finais de semana. As escolas estatais incluíram o esporte em seus programas seguindo determinações do governo e foram importantes agentes de massificação da prática esportiva. (SIGOLI, 2004, p.4)

As principais instituições sociais da época, que sejam a escola e a igreja foram os principais precursores da proliferação do esporte como meio de se instrumentalizar a prática para as articulações políticas, criando um movimento de massa, em especial nesse momento entre os jovens, que ainda se encontravam em fase de aprendizagem. Não há como negar a eficiência e eficácia do esporte de forma geral na educação e conseqüentemente a disciplina atribuída aos jovens estudantes, ressaltando que o esporte e a ciência da educação física pode e deve ser emancipadora ao indivíduo, entretanto, nosso foco é o da utilização do esporte como uma ferramenta alienante ao contexto social e político de forma geral.

É nesse momento histórico que surgem as ligas esportivas e diversos campeonatos que começam a ser organizados. Isso faz com que surja uma nova figura, a do espectador do esporte contemporâneo, já que de certa forma ele já existia, porém não com essa perspectiva de massa e econômico. O crescimento desse tipo de espectador faz com que o esporte comece a ser utilizado como um meio de alienação diante da reunião de massas gigantescas em um único local. O trabalhador médio passou a frequentar regularmente os eventos esportivos em estádios, nos quais logo após o expediente os times fabris se reúnem para a disputa esportiva. É nesse interim que surgem diversos times e ligas fundadas a partir das fábricas por seus operários. O “vestir a camisa” do time na realidade era a da fábrica, criando um vínculo forte entre indústria e trabalhador, vínculo esse emocional resultante das disputas esportivas. Para Bracht:

A discussão esportiva desviava a mente dos trabalhadores de problemas empregatícios e de organizações sindicais. Os operários que se destacavam nas equipes esportivas recebiam benefícios, horários para treinar, dias de folga e bonificações. (BRACHT, 1997, p. 15)

Logo em seguida, já em meados do século XIX, com o esporte já levando uma quantidade expressiva de pessoas é que os grandes veículos de comunicação começam a perceber o potencial que se apresentava. Com um início tímido, apenas apresentando os resultados logo se viu que não seria o suficiente para agradar seus leitores. Surgem então colunas, entrevistas e todo tipo de espaço jornalístico.

Claro que o Estado notou o que se passava ali e de certo pôde observar todos os meandros que poderia utilizar. O cotidiano do cidadão perpassava a todo momento pelo esporte fazendo com que o Estado absorvesse para si diversas entidades esportivas o que fez com que os indivíduos passassem a observá-lo com sentimento nacional, patriótico, nascendo nesse momento uma relação intensa entre política e esporte, inclusive de forma internacional com os grandes eventos que vieram a surgir, como campeonatos de seleções.

No final dos anos 1800, Pierre de Coubertin, um renomado humanista francês, percorreu diversos países, entre eles Estados Unidos e Inglaterra a fim de captar informações a respeito das teorias pedagógicas para retorná-las à França e implementá-las. Com grande influência do sistema Inglês, que tinha por objetivo a utilização do esporte para a transformação e a formação de cidadão com base na honra e na disciplina e do arqueólogo alemão Ernst Curtius, o qual encontrou diversas ruínas da Grécia clássica, as quais apresentaram a educação helenística com o intuito da formação geral do homem, fez com que Coubertin voltasse com a ideia de retomar os Jogos Olímpicos.

No final do século XIX, na Universidade de Sorbonne - Paris, foi realizado um congresso no qual se efetivou o retorno dos Jogos Olímpicos de forma oficial com ideais olímpicos ou olimpismo, os quais tinham como objetivo tornar o indivíduo nobre por meio do esporte. Ficou também instituído que a primeira competição Olímpica Moderna ocorreria em 1896 em Atenas, remontando a suas origens.

Em 1986, já nos jogos olímpicos em sua primeira edição na Era Moderna, foram lançados os Ideários Olímpicos por meio de carta, os quais seriam:

1. Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais que são a base do esporte;
2. Educar a juventude através do espírito esportivo para um melhor entendimento e amizade entre os povos, ajudando a construir um mundo melhor e mais pacífico;
3. Espalhar os princípios olímpicos pelo mundo, criando a amizade internacional;
4. Unir os atletas do mundo a cada quatro anos em um grande festival esportivo, Os Jogos Olímpicos.

É notável que o espírito esportivo olímpico tinha como objetiva uma espécie de transformação do indivíduo por meio do esporte, para que ele se elevasse a um outro patamar enquanto ser humano.

Apesar de nobre os objetivos, por obvio que a ascendente economia capitalista se utilizou do esporte para fins alheios aos iniciais. Os governos e governadores perceberam que seria ideal a utilização desses princípios esportivos para seu próprio benefício, criando uma espécie de valorização internacional dos Estados e de seus regimes políticos-ideológicos.

Um dos períodos históricos mais expressivos que remetem à utilização do esporte para fins políticos foi o das Olimpíadas de Berlim em 1936 o qual a ideologia nazista se utilizou. O nazismo surge como um movimento de extrema direita que tenta dar uma resposta a Revolução Bolchevique na Rússia em 1917, tendo como características, assim como o fascismo de origem Italiana, o nacionalismo, a xenofobia, pregavam a violência, em especial militar e policial, sendo totalmente contra o liberalismo, a democracia, o proletariado e os socialistas, características essas que podemos encontrar quase que na integralidade em nossa sociedade contemporânea nos últimos anos. Durante os jogos, o Estado nazista se utilizou em todos os momentos para enaltecer a sua nação e sua ideologia, sempre impondo força e poder, com o intuito de demonstrar para todas as outras nações sua suposta superioridade enquanto potência.

O esporte foi então inaugurado como uma arma ideológica que seria utilizada por diversas outras vezes, o que ocorreu logo em seguida na história da humanidade na conhecida como Guerra Fria, na qual Estados Unidos e a então extinta União Soviética cada qual tentando demonstrar sua superioridade em todas as competições, em especial nos jogos Olímpicos que se seguiram, sendo que para Sigoli:

O uso político do esporte esteve submetido às relações interestatais do Sistema Internacional, as ações visavam manter o equilíbrio de poder, evitando a possibilidade constante de guerra. O Esporte foi usado em ações estratégicas e em propagandas políticas dos países e seus regimes de governo. Na década de 80, o esporte foi inserido, definitivamente, no sistema econômico mundial e passou a ser um mecanismo financeiro sob influência das corporações transnacionais. (SIGOLI, 2004, p. 8)

Para o autor, o esporte adentrou o espaço Estatal, internacionalizando-se com um foco específico nas relações de poder e sua manutenção dentro da perspectiva de equilíbrio do planeta, bem como utilizado como meio de propaganda destes e de suas ideologias, porém a partir da década de 1980 existe uma financeirização deste, fazendo parte definitiva do capitalismo e sendo incorporado por ele.

Aqui no Brasil, como já mencionado anteriormente, um momento histórico em que o futebol foi utilizado politicamente sem dúvidas foi no Regime Militar já que o esporte era um dos maiores símbolos culturais. Para Gonçalves (2016, p. 45) “este foi utilizado como instrumento de capitalização de apoio político, em prol dos projetos nacionalistas do Estado.”

Não pretendemos com esse texto chegar a um denominador comum e estabelecer parâmetros para uma sociologia do esporte crítica, mas sim desenvolver melhor o assunto e trazer a luz fatos ocorridos diante da história brasileira, isso pelo fato de existir em torno dessa ramo da sociologia uma diversidade quase que infinita de debates acerca da afetação do esporte sobre a sociedade, porém devemos levar em conta que essa diversidade constrói um debate e cria o conhecimento em torno dos temas, sendo salutar fazer essa análise para que compreendamos a necessidade de tal diversidade, não havendo um verdade absoluta em torno do tema, entretanto, devemos estabelecer e deixar muito bem delimitado que nesse momento, estamos abordando a sociologia do esporte e mais especificamente o esporte ligado a política como uma forma abstrata de tomada e manutenção do poder por uma ideologia específica afim de criar e propaga-la, em especial no interior do senso comum.

Devemos ter em mente que o futebol como esporte que o conhecemos, nasce no interior de uma sociedade elitizada, ainda em meados do século 19 as escolas das elites de São Paulo e do Rio de Janeiro iniciam a implantação do futebol como recreação aos alunos. Já no século posterior, surge o primeiro clube organizado, após uma forte popularização desse esporte entre a elite cafeeira. Fundando em 1903 a Associação Atlética Ponte Preta, porém ao longo do tempo o esporte se popularizou e adentrou todas as classes se tornando um dos mais famosos do país. A partir desse momento o futebol se desenvolveu cada vez mais, se financeirizando e internacionalizando, em especial com grandes competições mundiais criadas, desde seleções até mesmo mundiais de clubes. Por ser um esporte de fácil apreensão e com não muitas regras rapidamente se torna massivo em diversos pontos do planeta.

Com o que foi argumentado até aqui podemos concluir que o futebol é utilizado como uma forma imagética que se torna diretamente um campo das ciências sociais de forma geral, sendo possível este de construir e transformar de forma profunda toda a sociedade, existe um universo ligado a esse esporte, o que cria um campo específico de estudo destas ciências, podendo ser tema da ciência política, antropologia e sociologia. O futebol como parte da cultura se envolve no cotidiano, na vida dos indivíduos, sendo que para Huizinga (2018, p. 12) “o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos

lógicos, biológicos ou estéticos”, ou seja, é passível de entendermos que se estabelece como uma função social com o intuito de criar significados a uma parcela da sociedade, indo o autor além, pois para ele “trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria”. O esporte faz parte da cultura, lembrando aqui que essa pesquisa se destina ao entendimento de um esporte específico, que seja o futebol, tendo como recorte o time do Palmeiras e as relações políticas que envolveram diversos fatos do ano de 2018, entretanto ele também pode se tornar um fardo à medida que é utilizado como uma ferramenta que constrói no imaginário de uma grande parcela da população formas de dominação política e social. Diante desse raciocínio, para Araújo:

Saber a representação social do futebol no imaginário coletivo pode dizer muito sobre o que uma sociedade pensa de si mesma e como ela se vê inserida em processos sócio-econômicos mais amplos. O futebol sofreu inúmeras transformações ao longo da história, tanto no que diz respeito ao preparo físico, quanto ao uso de tecnologias e apropriação econômica e financeira. No entanto, sua representação simbólica e significação cultural não se abalam frente a essa nova realidade. (ARAÚJO, 2010, p. 2)

Apesar de fortes transformações, tanto na área física, se tornando um esporte de alto rendimento, como também em sua parte financeira, já que com sua popularização e proliferação no planeta o esporte futebol se transformou em um mercado milionário em diversos países, como é o caso do Brasil que “exporta” atletas para diversos clubes em todo o mundo ainda assim sua influência sobre a sociedade permanece, ou até mesmo aumentou com o passar dos tempos. O futebol é um mercado de valores astronômicos, relacionadas a diversos âmbitos da vida dos indivíduos, desde vestimenta, alimentação, lazer e cultura, e necessariamente política.

O futebol como uma construção histórica permeia os indivíduos desde seu nascimento, criando identidades culturais e influenciando de forma direta a cultura do brasileiro médio de forma direta. Uma das melhores análises acerca do futebol parte de Wisnik, afirmando que tal esporte pode servir tanto ao bem quanto ao mal, sendo que se tornou uma forma universal na cultura para a compreensão do cotidiano e o tempo se disseminando em diversas regiões da sociabilidade e da socialização, como a música, a literatura entre outras, para o autor:

O fenômeno geral tem sido objeto de uma bibliografia crescente, que não deixa de proliferar também na forma das inumeráveis “culturas” que Eagleton acusa: as situações raciais, de gênero, os interesses econômicos localizados, as implicações políticas, o hooliganismo, o futebol multirracial da França, o futebol como o único lugar em que a União Euro peia se realiza, o futebol feminino, o africano, o asiático, o futebol e a violência, o sexo, a propaganda, a moda, a espetacularização generalizada etc. Nesse conjunto, a participação brasileira é ainda magra, e com parece mais com estudos sociológicos, históricos e biográficos do que com ensaios culturais interpretativos e literários, mais frequentes, por exemplo, em língua espanhola. (WISNIK, 2013, p. 18)

Apesar de o Brasil ainda não possuir uma vasta literatura ligada ao esporte, depreende-se que o “fenômeno geral” está fortemente presente no cotidiano do brasileiro. O futebol é um espetáculo cultural que atrai grande parte da população, é um esporte de fácil compreensão presente no cotidiano e que em teoria seria uma forma de relaxamento ou distanciamento daquele cotidiano o qual é tão pesado e oneroso ao ombro em especial do trabalhador proletário, e é nesse contexto, criando um norte ou um sentido a vida de parcela significativa da sociedade que este influência de forma pesada estes, adentrando aos lares os conteúdos sem que se perceba. Dentro dessa perspectiva, a política se apropria da abrangência com que o esporte toma e infiltra suas ideias com objetivo claro de tomada de poder e/ou sua manutenção.

É claro aqui que o futebol como esporte e como força política permeia de forma intensa toda a teia das relações sociais no país. As atenções voltadas para as partidas e para os campeonatos é quase que geral diante dos brasileiros, mesmo que digam não entender ou não gostar muito do esporte, em algum momento perpassa por sua existência a torcida ou o acompanhar de uma partida ou campeonato desse esporte tão arraigado no cotidiano do brasileiro. É uma cultura presa em uma identidade nacional, é dele, o esporte que nascem heróis e vilões, ídolos e odiados, hábitos, costumes e gírias, bem como gostos políticos por determinada influência. Para Franco Júnior (2007) é comum o brasileiro possuir uma memória futebolística perfeita e não se lembrar de informações básicas de sua própria memória histórica como nação, havendo a colaboração diária dos veículos de comunicação já que perpetuam essa memória futebolística a todo o momento, criando no imaginário coletivo uma percepção de realidade histórica nesses indivíduos.

As relações sociais, tendo como perspectiva de esporte são complexas, fazendo parte de uma cultura específica brasileira, com muitas peculiaridades que não são encontradas em nenhum outro local. Ainda pela perspectiva de Franco (2007), é necessário compreender essas relações de uma forma mais próxima, porém totalizante, pensando “o futebol como fenômeno cultural total”. O autor vai além, tremenda a importância do futebol no papel social do brasileiro, e de sua cultura de uma forma geral, este é desnudado como uma experiência humana que é totalizando e fruto de um fenômeno simbólico em nossa modernidade, sendo o “futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas”.

Sem exageros, o futebol é o esporte mais importante para a cultura e o desenvolvimento da sociedade brasileira, interferindo e influenciando diversas condições de vida, em especial do cidadão médio.

Em uma análise muito hábil, Franco Júnior (2007) em sua “dança dos deuses” não tem nenhuma perspectiva de transformar o futebol em um romance e criar um altar para o esporte, ao invés disso fica muito explícito que nem jogadores e nem o próprio jogo são tidos como sagradas. Elabora uma análise muito lúcida acerca do tema, desde a sua criação, deixando claro que tinha como objetivo principal na Inglaterra um “cristianismo atlético”

nas universidades, com uma forte concepção “pedagógica que pretendia desenvolver a fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plena de súditos hostis e pouco civilizados”.

Um ponto essencial é da compreensão dessa desmitificação do esporte exposta por Franco Júnior (2007), tema que não deixa de fora nem mesmo o jogador Edson Arantes do Nascimento (Pelé). É interessante que se faça o debate acerca do tema utilizando-se um historiador como apoio para compreendermos melhor diversas perspectivas culturais, e é nesse momento em que segundo o autor “Pelé, segundo relatam amigos dele, ‘acredita ser um deus tanto dentro como fora dos gramados’”, ou seja, existe um deboche acerca dessa fala, já que de forma clara o então jogador acredita ser quase que um ser messiânico, fazendo ligações com a mitologia até então deixada para trás e é nesse contexto em que o então Pelé, se torna o “Rei”, aquele que representava na história os deuses na Terra.

O futebol de uma forma geral é tão presente na sociedade brasileira e em sua cultura, que faz parte até mesmo da religião. O que seria uma heresia em outras culturas, aqui é ligado a uma divindade do esporte por meio do imaginário da população. Os estádios são tidos como templos de deuses travestidos por homens e as roupas vestidas por eles são os “mantos sagrados”. Ainda para Franco Júnior (2007, p. 44) “em torno a cada divindade futebolística desenvolve-se uma seita”, ou seja, podemos encontrar diversas torcidas organizadas que se travestem em efetivas seitas que lutam por aquilo que acreditam e muitas vezes dão a vida por ela. O futebol possui uma estrutura de símbolos, os quais permitem a constituição de diversos deuses em meio aos homens, porém quase sempre com a mitologia da principalidade de um deles como soberanos, o que é buscado em diversos momentos da história até os dias atuais.

Apesar de podermos afirmar a influência que o futebol possui na cultura brasileira, de forma positiva e de construção de uma identidade, se faz necessário pensar este em sua forma essencial apresentada. É também fruto de uma forma de alienação e construção de uma perspectiva comercial que acaba por deixar de lado sua essência e passa a constituir lutas políticas e econômicas diante da transformação dos jogadores em bens e o esporte em si em negócio articulado por cartolas mundo a fora, o que não fica de fora da análise de Franco Júnior (2007, p. 53) quando que “a mentalidade liberal e mercantil transformou o futebol em negócio mundial”, fazendo com que as relações comerciais do capital escale uma seleção ou um time, e defina, ainda que por vezes cercadas de brigas, horários de transmissões do esporte nas televisões.

Franco Júnior (2007) é um torcedor, porém que elabora sua análise devidamente como um historiador, membro de uma academia científica que é, elaborando as devidas análises, com suas comparações nos momentos históricos impecáveis, como no caso da derrota do Brasil pela Argentina na copa de 1990 quando faz o retrato da defesa brasileira advinda de times europeus comparativamente com o governo Fernando Collor que realiza a abertura do mercado interno para os produtos exteriores de forma desorganizada. Claro

que é demasiado complicado realizar a comparação ou chegar a conseguir elaborar uma ligação de forma direta a organização da seleção enquanto time e das políticas externas do Governo brasileiro, porém depois de tudo o que foi apresentado, há como ao menos pensar nessa possibilidade de interferência político ideológico nas organizações e instituições, até mesmo por podermos notar a interferência política que existiu e ainda existe na antiga CBD e a atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), havendo ligações políticas-ideológicas diretas entre as instituições.

Outro autor que possui forte influência no entendimento do futebol como fator alienador sobre a sociedade é Wisnik (2008), em sua obra “Veneno Remédio: o futebol e o Brasil”, na qual ele discorre em quatro partes acerca da relação do futebol com a sociedade brasileira, começando por sua própria história, passando por diversos aspectos externos do esporte e na terceira parte toda a história deste e do desenvolvimento de um estilo brasileiro, findando sua obra talvez na parte mais importante e acadêmica, expondo diversos autores, porém sem deixar de lado a literatura, elaborando comparativos como por exemplo entre Machado de Assis e Pelé, conforme apresenta:

Com paro Machado de Assis a Pelé, assim, não por que sejam semelhantes como personalidades ou estilos, mas por que têm aquela similitude dos opostos complementares: além de todas as diferenças óbvias implicadas nos campos da literatura e do futebol, o foco de um ilumina o cerne da nossa incapacidade de escapar ao retorno vicioso do mesmo, e o do outro a nossa capacidade de invenção lúdica e a extraordinária potência da nossa promessa de felicidade. O que os une é a afirmação, na negatividade e na positividade, da consciência fulminante e da intuição em ato, assim como a capacidade de fazer o país saltar aos nossos olhos como melhor do que ele mesmo. (WISNIK, 2008, p. 406)

É notória sua percepção de que ambos, literatura e esporte nesse caso estão representando perspectivas, fazendo com que o país se demonstre em suas concepções. Nesse caso, o esporte esconde algo que não deseja que seja visto, transformando algo triste em felicidade, porém de modo disfarçado, por isso o nome dado ao livro. Ao mesmo tempo em que se torna um veneno, diante dessa dubiedade também se torna o remédio, porém em uma perspectiva muito específica. Para o autor o futebol é uma espécie de paradoxo ligado a nossa colonização e constituição enquanto Estado, íntimo a escravidão. É uma forma de penetrar e superar o que ele chama de “fraturas traumáticas”, porém como forma de fuga da realidade conforme exposto em:

No caso específico do futebol: uma reserva coletiva inesgotável de futebol criativo nas mãos de dirigentes que a dilapidam em benefício próprio; uma cultura notável pelo seu alcance inventivo, que germina na incultura; um gigantesco deslocamento das energias produtivas para a esfera lúdica, que só retorna sobre as outras áreas da vida como produção de ilusão fugaz, deixando os problemas intocados. (WISNIK, 2008, p. 418)

Nesse contexto é interessante ressaltarmos a necessidade do futebol como presente em um contexto social e cultural, do qual faz parte a influência de forma direta. O jogo, ou o aqui o futebol, antes mais nada, segundo Huizinga (2014, p. 23) é “uma forma específica de atividade, como “forma significante”, como função social” a qual de uma forma ou de outra afeta a vida de todos, em especial pensando a sociedade contemporânea e seu desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Ainda para o autor, e importante ressaltar:

É no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primevo do jogo. (HUIZINGA, 2014, p. 7)

É importante notarmos a influência presente entre a questão cultural do jogar ou aqui do futebol e sua intrínseca relação com toda a sociedade, conforme demonstrado por Huizinga (2014) e Wisnik (2008).

Wisnik (2008) demonstra a todo momento as relações ambivalentes e dialéticas entre futebol e sociedade, baseando em Flusser apresenta uma interrelação entre a perspectiva de classe e sua alienação por parte do futebol, sendo:

Nesse amplo conjunto temporal, em que a realidade pode ser entendida como “o processo histórico objetivo” envolvendo a dominação, o futebol faria parte, segundo Flusser, de uma “alienação enquadrada”, ou, se quisermos, de uma espécie de alienação ao quadrado, algo mais próximo do “não-espírito de um mundo sem espírito” (de que já falamos). Cá, no entanto, onde a alienação é mais profunda (“o brasileiro alienou-se de sua realidade e de si próprio por que não conseguiu firmar-se e abrigar-se em nada, por que não é tomado de movimento histórico”), o futebol ganha um estatuto “ontologicamente diferente do futebol europeu”. Nessa forma de alienação não enquadrada, mas “exilada”, o futebol acaba por constituir-se segundo Flusser numa fuga paradoxal, num exílio do exílio que se transforma em realidade absorvente e transbordante para toda a vida social. Na visão de Flusser, não se trataria, assim, de uma simples operação de fuga à realidade, que faz esquecer-la, mas da construção de uma realidade própria, na falta dela: “se o prole tá rio se realiza existencialmente no futebol, de forma que tal realização extra vase as fronteiras do futebol e invade todos os campos e dê sentido à sua vida, como negar-lhe realidade? E como falar em alienação no caso?”. Em outros termos, não se trataria de um avesso alienado do trabalho alienado, mas de um avesso do avesso que, em vez de retornar ao ponto de partida, instaura uma dimensão lúdica autônoma e irradiante, que é realidade: “a alienação que propõe o proletário rumo ao futebol dá um salto qualitativo e resulta em verdadeiro engajamento”. (WISNIK, 2008, p. 176)

É nessa visão que o futebol como instrumento é propulsor de uma visão alienante de mundo, muito direcionado a uma classe muito específica, que seja o proletário. Outrossim vale ressaltar aqui que nessa perspectiva não existe uma alteração da realidade existente, mas sim a criação de toda uma nova, ou uma realidade toda própria. Apesar dessa perspectiva crítica acerca do futebol, não podemos, e não devemos afirmar que

essa perspectiva paradoxal é totalizante, mas que sim cria uma realidade alternativa diante do lúdico de forma negativa, levando o indivíduo a se tornar uma massa de manobra direcionada, em especial aqui ao poder político e à elite política do país.

De uma forma geral o futebol se tornou uma arma a ser utilizada ao longo da história por diversos regimes políticos que passaram desde o Palácio do Catete até o Palácio do Planalto e suas casas Legislativas. Suas perspectivas populares fazem com que a utilização por parte de governantes seja vista como uma forma de aproximação do popular. Não podemos reduzir a uma simplificação, já que as relações são bidirecionais, já que em diversos momentos as atitudes e direcionamentos políticos partem de dentro dos próprios times e instituições ligadas ao esporte, conforme demonstrado anteriormente com relação a CBF e a antiga CDB, sendo, portanto, as relações muito mais complexas e estruturadas.

Podemos perceber que existe uma íntima relação entre o esporte, e aqui mais especificamente o futebol e a política, sendo utilizado primeiro, como propagando e ferramenta aparelhada ao Estado em diversos momentos, bem como articulando ao senso comum posições políticas ideológicas para a formação de uma espécie de consenso para a estruturação de uma concepção de Estado ultraconservador no caso de nossos estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a utilização do esporte como ferramenta política não é recente, porém com o desenvolvimento dos meios de comunicação e as transformações tecnológicas que revolucionaram a forma de vida e conseqüentemente a sociedade de forma geral, essa utilização também se desdobrou em muitas formas, em especial na atualidade com a velocidade da informação fornecida pela internet.

No Brasil, o futebol faz parte de um mercado que movimenta valores astronômicos, estando presente na vida de praticamente toda a população, de forma direta ou indireta afetando mesmo aqueles que dizem não gostar do esporte fazendo com que possamos afirmar que existe uma espetacularização comercial do esporte, adentrando todos os lares e influenciando todas as áreas, inclusive a política, segundo Mejía (2018), “El deporte es una empresa cuyo objetivo fundamental es producir un espectáculo, cotidiano, masivo, mundial y crecientemente rentable”, confirmando que o esporte é utilizado em especial para a produção de um espetáculo, porém se faz necessário entendermos que por detrás deste existem objetivos que atingem diretamente o cidadão médio e o transforma, criando direcionamentos sociais.

O esporte ou o futebol enquanto utilizado de forma a alienar o indivíduo não trará nada de bom consigo, tendo em vista que não irá transformá-lo, mas esconder o que necessariamente deveria ser observado. Essa forma de utilização do esporte tende a ser a mais utilizada, inclusive e em especial pela política que vê em especial nos esportes mais famosos uma forma de alcançar os indivíduos e os atingir para que possam pensar em um sentido muito específico e angariam o poder para si.

Em certa medida podemos concluir que o esporte de forma geral sempre foi utilizado na história pela política, não importando a ideologia que se aplica, mas que com o intuito de atingimento de massas. Podemos observar o esporte como uma forma de articulações política, tendo em vista a sua incidência em grande parte da sociedade desde os primórdios da humanidade, seja no interior do coliseu e seus desdobramentos histórico, seja nos estádios brasileiros e sua amplitude diante dos desenvolvimentos tecnológicos e televisivos, alcançado uma parcela considerável da população.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. **Futebol e política continuam a caminhar juntos**. In: XXXIV Encontro anual da ANPOCS. Caxambú – MG: Outubro, 2010.

ARAÚJO, Wecio Pinheiro. Estado, ideologia e capital no Brasil contemporâneo: contradições do lulismo e surgimento do bolsonarismo. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 13, p. 13-32, 2019.

BINDER, D. **“Olimpism” Revisited as context for global education: Implications for Physical Education**. *Quest*, 53, 14-34, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Do fascismo à democracia: os regimes, as ideologias, os personagens e as culturas políticas**. Campus/Elsevier, 2008.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. *Revista USP*, n. 22, p. 40-49, 1994.

CHASIN, José. **Sobre o conceito de totalitarismo**. *Temas de Ciências Humanas*, v. 1, p. 121-134, 1977.

DA MATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. *Revista USP*, São Paulo, (dossiê futebol), nº 22, jun/ju;/ago de 1994. <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>.

DAMATTA, Roberto (org.) **O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DE TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. 2000. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DE TOLEDO, Luiz Henrique. Por que xingam os torcedores de futebol?. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 3, n. 3, p. 20-29, 1993.

FIGUEIREDO, Danilo José. **USO POLÍTICO DO ESPORTE: O CASO DA COPA DO MUNDO DO BRASIL**. *Revista Acadêmica Faculdade Anglo*, n. 1, 2014.

FILHO, Aluizio Alves. **A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Revista Comum, 2000.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. **São Paulo: Companhia das Letras**, p. 349, 2007.

GASTALDO, Édison. **Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas**. Esporte e Sociedade, v. 3, 2006.

Gonçalves, Lucas Toledo. **Futebol e ditadura na América do Sul: representações do uso político do esporte na série Memórias do Chumbo - O futebol nos tempos do condor (Brasil, 1964-1978)** – 2016.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HUIZINGA, Johan; **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2018 – 8º ed. (Estudos / dirigida por J. Guinsburg).

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, p. 76, 2007.

MEJÍA, Eloy Altuve. **El papel del deporte en la irrupción fascista en Brasil: narrativa desde y con la campaña de Bolsonaro**; The role of sport in the fascist irruption in Brazil: narrative from and with the Bolsonaro campaign. **Revista FAIA**, v. 7, n. 31, p. 3, 2018.

NEUMANN, Franz. **Estado democrático e Estado autoritário**. Zahar, 1969.

RATTON, José Luiz; DE MORAIS, Jorge Ventura. **Futebol e sociedade no mundo contemporâneo: visões das ciências sociais**. Revista de Ciências Sociais, v. 42, n. 1, p. 8-10, 2011.

SEGRILLO, Angelo. **O Fascismo como “totalizante”: uma (herética) tentativa de inflexão marxista em um conceito eminentemente liberal**. Revista Intellector-ISSN 1807-1260-CENEGRI, v. 2, n. 04, p. 01-11, 2006.

SIGOLI, Mário A.; JUNIOR, Dante de R. **A história do uso político do esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2008.

Thompson, John. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio—o futebol e o Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2013.